

## UM MARXISTA CRÍTICO COMO NENHUM OUTRO

Um jornalista escreveu que era um «radical sensato». Ou «um radical que gostava de compreender as coisas». Outro disse que era o engenheiro que «nacionalizou a indústria». As palavras foram medidas e sentidas, mas nenhuma dá conta da grandeza: João Martins Pereira, que morreu em meados de Novembro deste ano de 2008, com 76 anos de idade e uma vida cheia, foi somente o mais importante intelectual marxista no pensamento político português das últimas décadas. Nestas páginas, quero evocar o seu contributo, os seus debates, a sua acção, a sua personalidade. E cabe à leitora ou ao leitor, ao folhear estes artigos escritos desde há vinte anos para o Combate, descobrir quem foi João Martins Pereira e o que nos disse.

### 1. Livros

A história recordará outros, por certo. Álvaro Cunhal, pela organização política. Ou Francisco Martins Rodrigues, pela tenacidade. Mas nenhum deles demonstrou o conhecimento que Martins Pereira tinha do pensamento crítico contemporâneo, nem a sua profundidade na análise da evolução da sociedade portuguesa, nem a sua capacidade de pensar a esquerda e as suas raízes.

Em quatro livros marcantes, Martins Pereira estabeleceu os fundamentos desse pensamento crítico. O primeiro foi «Pensar Portugal Hoje», um conjunto de ensaios publicado em 1971. O autor tinha sido um aluno brilhante no Instituto Superior Técnico onde se formou em engenharia química, foi docente universitário por breves anos, mas, sobretudo, dedicou-se ao ensaio nos tempos livres da sua profissão (e lutou pelo tempo: nos últimos anos da sua actividade profissional, negociou transformar os ajustamentos salariais em menos horas de escritório, para ter mais tempo livre). E foi com o livro de 1971 que se tornou mais conhecido: foi um sucesso editorial.

Em cinco ensaios, Martins Pereira discutia as opções europeias da ditadura, as características da sociedade e do projecto de industrialização então em voga, o sindicalismo e a «liberalização» da comunicação social.

O segundo destes livros entrou na gráfica (da Afrontamento) no dia 22 de Abril de 1974. Uma «nota prévia», acrescentada à pressa, dá conta de que as condições de leitura de «Indústria, Ideologia e Quotidiano (ensaio sobre o capitalismo em Portugal)» tinham sido alteradas pelo 25 de Abril. Assim era. Mas o livro permanece como um dos poucos estudos sobre as condições da perequação da taxa de lucro na economia portuguesa, discutindo, através de dados empíricos e de um estudo cuidadoso, a evolução da composição orgânica de capital e da extracção de mais-valia sector a sector. Não existe, ainda hoje, nada de comparável nos estudos sobre a economia portuguesa.

O terceiro livro foi igualmente muito discutido – e foi publicado em 1976, já depois da saída de Martins Pereira do 4o governo Provisório, em que tinha sido Secretário de Estado da

Indústria. Nele inclui extractos da sua carta de demissão (16 de Julho de 1975). O livro é, no entanto, o texto mais teórico que Martins Pereira escrevera até então, porque analisa todo o debate soviético sobre a transição para o socialismo, incluindo a discussão detalhada dos contributos dos «excomungados» (Trotsky, Bukharine, Preobrajensky) mas também de Rosa Luxemburgo e Gramsci ou, de uma geração mais recente, de Che Guevara. Ou seja, Martins Pereira levou estes anos a escrever, ao mesmo tempo que participava em grandes combates políticos, como foi a campanha presidencial de Otelo ou, mais tarde, de Maria de Lourdes Pintasilgo. Pelo caminho, dirigiu o melhor jornal que a esquerda publicou em Portugal, a «Gazeta da Semana», depois seguido por uma mais efêmera «Gazeta do Mês».

O quarto livro é o mais elaborado, mas também o mais ignorado. «Sistemas Económicos e Consciência Social – Para uma teoria do socialismo como sistema global» foi publicado em 1980 pelo Instituto Gulbenkian da Ciência. É um estudo sobre os debates mais actuais sobre o «socialismo de mercado» e outras alternativas, nomeadamente as críticas de János Kornai contra a economia neoclássica do equilíbrio. É um inventário incontornável sobre a crise das economias e dos sistemas de planificação autoritária, e isto uns vinte anos antes da queda do Muro de Berlim. Infelizmente, como este livro foi publicado por uma editora especializada, não chegou às livrarias e quase não foi conhecido (e, para mal dos seus pecados, ainda foi vítima de uma inundação que destruiu grande parte do seu stock).

## 2. Pensamento crítico

Mas Martins Pereira escreveu muito mais. Em 1983, publicou um dos seus mais saborosos panfletos: «No Reino dos Falsos Avestruzes – um olhar sobre a política». O livro, como nos explica no prefácio, nasceu de uma indignação: quando escreveu uma carta aberta a um deputado anónimo a propósito da recusa de alterar a lei do aborto, e quando a publicação dessa carta foi recusada tanto pelo «Expresso» como pelo «Jornal», Martins Pereira escreveu no livro tudo o que lhe apetecia dizer sobre a política nacional. E inventariou todos os avestruzes do regime: Manuel de Lucena, Graça Moura, Vasco Pulido Valente, António José Saraiva e tantos outros.

Mais tarde, em 1989, publicou uns cadernos, entre as reflexões e o diário, «O Dito e o Feito – Cadernos 1984-1987». É o livro mais «montaigniano» de Martins Pereira, com as suas reflexões sobre o quotidiano. Foi o menos lido, mas não era pouco importante.

Aliás, parte dos textos que publicamos neste livro, e que nunca foram reunidos até hoje porque foram sendo divulgados nas edições dispersas do «Combate», corresponde ao mesmo período (e a muito depois dele) e à mesma reflexão. De facto, estes artigos são, por isso, os últimos escritos e ensaios sobre política que Martins Pereira escreveu (mais recentemente, em livro só publicou um estudo sobre a Siderurgia, «Para a História de Indústria em Portugal 1941-1965», 2003, e tinha sido co-editor de um volume «À Esquerda do Possível», 1993, que

juntava precisamente uma colecção de artigos do «Combate»).

Os textos deste livro – e que o João ainda conseguiu ver nos últimos dias da sua vida – foram reunidos quando nada se sabia da sua doença. Os editores desta colecção tinham decidido fazer um volume com alguns dos muitos textos que Martins Pereira escreveu desde 1985 no «Combate», de cuja redacção fez parte desde então. E o volume estava a ser concluído quando se soube da doença. O livro tornou-se assim no que não queria ser: uma homenagem, da melhor forma que um autor pode ser homenageado, que é divulgando o que pensou e escreveu. Entre estes artigos, o leitor ou a leitora encontrarão análises sobre a Europa, sobre as ideologias, sobre o cavaquismo, sobre as privatizações, sobre o modernidade, sobre o imperialismo humanitário, sobre os ócios e os negócios, sobre Chiapas e sobre o Iraque, sobre o pintor Paul Gauguin e a sua avó Flora Tristan, ou ainda um debate com Boaventura de Sousa Santos sobre o seu livro «Pela Mão de Alice». Em todos os textos, encontrarão a lucidez, a clareza, a argumentação estudada e informada de Martins Pereira. São por isso textos que não ficam presos no seu tempo. Falam-nos de manias, de tiques, de subterfúgios, de ideologias de sempre. Podíamos ter ouvido ontem, no telejornal, as frases dos «falsos avestruzes» que Martins Pereira desfaz.

### 3. Sempre à esquerda

Martins Pereira contou, numa excelente entrevista a Maria João Seixas, sua amiga e cúmplice, como a sua vida profissional o tinha levado a estágios na Alemanha e em França, onde descobriu Sartre e os debates dos anos sessenta. «Sartre poupou-me o psicanalista», dizia ele. Com o existencialismo e com a revolta contra a guerra da Argélia, poupou-se também do PCP e da ortodoxia soviética. E conseguiu assim fazer o seu próprio percurso intelectual. Livre. Assim o conheci em 1973, em reuniões no Centro Nacional de Cultura. E, depois, nos seus livros. E, finalmente, na redacção do «Combate», a que aceitou pertencer desde a segunda metade dos anos oitenta – vai para mais de vinte anos. Com Eduarda Dionísio, Jorge Silva Melo, João Mesquita e muitos jovens jornalistas e activistas (o Heitor de Sousa, o João Carlos Louçã, o Manuel Videira, o Jorge Costa, o Luís Branco e tantos outros ao longo do tempo), o «Combate» foi então um caso único na imprensa política portuguesa: iconoclasta e agressivo, estudioso e reflexivo, foi uma plataforma de pensamento e também de acção. Martins Pereira esteve presente, sempre: na redacção dos programas das campanhas eleitorais do PSR e em tantas outras das suas actividades, acabando por funcionar a redacção do jornal em sua casa, onde os serões se prolongavam na conversa solta. Com a mesma coerência, participou na fundação do Bloco de Esquerda em 1999, foi convidado a discursar no seu congresso inaugural – e lá foi dizer o que pensava da economia e da política da esquerda – e continuou sempre a acompanhar o movimento com a mesma atenção.

Dizia-me um jornalista que escreveu uma comovida evocação, José Vítor Malheiros (no «Público») que à sua volta quase nenhum dos colegas sabia quem era o Martins Pereira. É natural. Ele não ia a colóquios desde que «não lhe apetecesse». Não era convidado para a televisão e, na verdade, não gostava nada da exposição pública. E pouca gente lê livros, hoje em dia, muito menos se eles já desapareceram das livrarias e não estão na FNAC.

Mas Martins Pereira não tinha com isso nenhuma infelicidade. Gostava da vida, da parceria com a Manuela, dos verões em Odeceixe, de ler e de pensar, das notícias do seu neto e da sua filha Marta.

Não sei, por isso, como se pode fazer uma homenagem a um homem bom e que tinha a grandeza da sua simplicidade, sendo tão incomparavelmente melhor do que todos os que mandam no país.

Foi um amigo, um camarada. Foi um intelectual e foi um lutador. Foi um privilégio e uma honra ter conhecido, convivido e aprendido com Martins Pereira.

Quando abrir as próximas páginas, ouça a voz sorridente do João.

Novembro 2008

[Prefácio de Francisco Louçã a As voltas que o capitalismo (não) deu]